

A INVISIBILIDADE DA DESIGUALDADE BRASILEIRA

SOUZA, Jessé, (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

Nilson Moulin

Nilson Moulin é tradutor de literatura italiana. Escreve livros de Educação Ambiental e, neste campo, fez formação de multiplicadores (Moçambique --UNESCO; Amapá). Algumas incursões parcialmente equivocadas em editoria política.

Primero, a edição:

Junto com o catálogo da UFMG, os catálogos da UNESP e o da UnB seguem oferecendo produtos de alta qualidade em meio à rarefação acadêmica que nos oprime. Convém prestar atenção também na pequenina EDUSC / Bauru.

Na formação social brasileira, a hipocrisia parece não ter limites: para muitos, desigualdade passou a ser assimetria. Sim, no âmbito da lingüística, a semântica continua plenamente ideológica.

Em 2003, com *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica* (UFMG/IUPERJ), Jessé Souza, dentre outros contributos, desmascarou o esvaziamento do conceito de cidadania, usado e abusado pela direita e seus marqueteiros.

A modernização conservadora em curso foi enunciada no governo do príncipe dos sociólogos (eixo USP/Higienópolis/Paris). Entre 1994 a 2002, anos da institucionalização da novilíngua (assimetria por desigualdade et coetera). Era apenas a primeira etapa.

Nesta segunda, conduzida por ex-sindicalistas, foi ampliado e institucionalizado o assistencialismo improdutivo (alerta da CNBB, 1º. semestre 2006). Um dos efeitos mais deletérios da nossa modernização conservadora é a carência de um número significativo de novos postos de trabalho.

Continua-se a ocultar e minimizar as desigualdades sociais e políticas. No campo da linguagem, as metáforas futeboleiras substituíram o palavrorio pomposo e vazio da etapa anterior.

Contra tudo isso, Jessé Souza e equipe nos entregam o resultado de 10 anos de pesquisa: o recém-publicado *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Para delimitar o campo teórico, sugiro aos leitores começar pelo final: “Somos desiguais? A propósito de Jessé Souza e Roberto DaMatta”, por Diogo Corrêa. Que ninguém se engane: enquanto matriz discursiva, esse DaMatta “da mídia” tem tudo a ver com a produção dos acadêmicos hegemônicos. Não podemos nos olvidar daquele sociólogo uspiano (ex-ministro de FHC) que decretou “o fim da luta de classes”.

Dos 12 artigos do livro, Jessé Souza (doravante JS) assina os 5 primeiros. “A gramática social da desigualdade brasileira” é fulminante. Ao falar da desigualdade naturalizada, ele se refere a 2 séculos de modernização, marco temporal preciso: em 2008, vai entrar em cartaz Duzentos anos da chegada da família real portuguesa. Sem esse marco de longa duração, fica difícil entender porque o chamado “governo de coalizão petista” tanto se parece com seu antecessor.

Nos 5 artigos assinados por JS, destaque para o “moinho da auto-indulgência”, verdadeiro esporte nacional (p. 10). A “glorificação do oprimido” continua a render, seja como pecúnia, seja como anestesia social ou até como promessa de paraísos.

O autor propõe e exige uma “teoria da ação social”, que funcione também como “teoria emocional da ação”. As nossas hipotéticas identidades nacionais (sejam elas mais freyrianas, mais buarquianas ou mais perfumadas nos Prados ao lado) não dão conta das complexidades políticas mais prementes. A sacralização de tais críticas do Brasil deveria acender sinais de alerta: por que tudo continua tão “como dantes no quartel de Abrantes”? Ou por que, apesar das aparências “inclusórias” e “participatórias”, quase tudo continua tão desigual?

A crença fetichista no progresso econômico não é casual: quando passa do lãtego dos senhores de engenho para os cartões de ponto dos capitães da indústria e hoje se recicla na retórica do ex-sindicalista, deveria provocar algum curto-circuito. Por que isto não acontece?

Por que a maioria passa o que passa, sente o que sente e continuamos a funcionar como um país de coitadinhos?

Apoio teórico de JS: o canadense Charles Taylor e o Pierre Bourdieu das décadas de 60 a 80. O desencantamento do mundo, identificado entre os camponeses argelinos obrigados a introjetar o tempo do capitalismo no seu cotidiano (lá se vai mais de meio século), ainda pode nos ajudar a pensar e fazer outros brasis?

JS assim se apropria do conceito de habitus (BOURDIEU): “um sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, um sistema de disposições duráveis inculcadas desde a mais tenra infância que pré-molda possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas”. E passa a operar com habitus primário.

O segundo artigo desse livro que perturba é “Por uma teoria da ação social da modernidade periférica. Um diálogo crítico com Florestan Fernandes.”

Ao enfatizar A integração do negro na sociedade de classes enquanto grande contribuição do mestre Florestan, JS subverte leituras lineares e várias de suas diluições recentes.

Em “A visibilidade da raça e a invisibilidade da classe: contra as evidências do conhecimento imediato” JS diz a que veio: polêmica é bom e eu gosto. Para discutir políticas afirmativas no que concerne às cotas raciais ou sociais e/ou sócio-raciais, proponho recomeçar por aqui. Dado que criticar a banalidade e a venalidade de nossos políticos profissionais tornou-se tautológico, temos de exigir a reflexão crítica de quem é pago para isso e ainda merece alguma consideração: senhoras e senhores universitários, vamos ao debate amplo e geral? Ou será que, como arde apenas em cerca de 50% dos brasileiros, é problema “dos outros”? Dentre “heróis e malandros”, passou da hora de baixar na arena...

“O casamento secreto entre identidade nacional e Teoria emocional da ação ou por que é tão difícil o debate aberto e crítico entre nós” (p. 97-115). Aos docentes que não costumam frequentar Caxambu/ANPOCS (esta polêmica vem de longe...), ou aqueles que não quiserem enfrentar o livro inteiro com seus homólogos e estudantes, sugiro, no mínimo, uma exegese dessas páginas e da respectiva bibliografia: seria similar a uma viagem aos “anos de chumbo”, quando pensar e falar costumava ser mais perigoso do que hoje.

“É preciso teoria para compreender o Brasil contemporâneo? Uma crítica a Luis Eduardo Soares”. A pergunta é praxe retórica, a resposta é um chamado ao estudo e a iniciativas mais corajosas no âmbito da academia e também “lá fora”.

Com a palavra JS: “Quero separar aqui, para evitar mal-entendidos, a figura do político - e Soares é certamente um dos mais combativos e corajosos dentre os políticos brasileiros - e do

cientista social. As duas esferas são distintas, apesar de relacionadas e complementares. Aqui estamos criticando apenas as teses do cientista social Luis Eduardo Soares e não a sua atuação política” (p. 119).

Prosseguindo, “Soares et al. se perguntam sobre as causas da violência nacional. [...] Os autores percebem que a questão correta é se perguntar o que existe por trás da violência (grifo meu). A violência é reflexo da reprodução da desigualdade e da exclusão social. Aqui já fica delimitado o campo de debate com os autores. A questão principal passa a ser, portanto, o que produz e como se reproduz a desigualdade social. O limite da análise dos autores e o fundamento de minha crítica neste texto é minha percepção de que eles não foram longe o bastante nesse desiderato. Deixaram-na a meio caminho e por isso pendente e não resolvida. Mais ainda, apesar de suas inegáveis qualidades, o livro* permite poder criticar todos os preconceitos e imprecisões, todas elas de fundo teórico, que encobrem e tornam irremediavelmente confusa a compreensão, e, por consequência, o combate prático e político da desigualdade social e de suas seqüelas como violência e criminalidade no Brasil.” (p. 121).

Desembolsar R\$63,00 por 396 pp. dessa qualidade é um bom investimento contra as anemias teóricas que, ao nosso redor e alhures, por aí se disseminam.

* SOARES, Luis Eduardo et al. Cabeça de porco. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Em tempos de “ZERO À ESQUERDA”, vamos ler, criticar e divulgar Jessé Souza e demais autores deste livro não rotineiro e que, reitero, ousam inovar (sem correrias nem pirotecnias) nesta palavrosa etapa de rarefação crítico-criativa.